

DEBRA DE ALMEIDA PINHEIRO DOS SANTOS

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DE IMAGENS NO PROCESSO
DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

FACCAMP

2009

DEBRA DE ALMEIDA PINHEIRO DOS SANTOS

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DE IMAGENS NO PROCESSO
DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Monografia apresentada como exigência para aprovação no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Pedagogia da FACCAMP, sob orientação do Professor Cleber Lima.

FACCAMP

2009

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nota do Professor Orientador: _____

Nota do Professor Avaliador: _____

Nota Final: _____

Data: _____/_____/_____.

“Tenho pensamentos que, se pudesse revelá-los e fazê-los viver, acrescentariam nova luminosidade às estrelas, nova beleza ao mundo e maior amor ao coração dos homens”.

(Fernando Pessoa)

“A lição sabemos de cor, só nos resta aprender!”

(Beto Guedes)

Dedico este trabalho à todos que,
direta ou indiretamente me ajudaram
a chegar até aqui.

Agradeço,

Ao Professor Cleber Lima, meu orientador, pela paciência, pelo apoio e por toda a dedicação.

À todos os Professores que, ao longo desses três anos, me ensinaram, me emocionaram, me fizeram enxergar o mundo de uma maneira totalmente diferente.

À minha família, sempre presente.

Ao meu companheiro Ricardo, pela paciência, pelo apoio e pela força.

Aos meus colegas: Creusa, Denise, Edna, Hevellen e Jurandir, por esses três anos maravilhosos, de muito companheirismo, muitas alegrias e alguns desentendimentos. No final, só vai ficar a saudade, muita saudade.

À todos vocês, muito obrigada! Sem vocês eu não conseguiria!

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo verificar a importância da leitura de imagens no processo de formação infantil. Como base para este foi utilizada pesquisa bibliográfica, analisando principalmente os estudos de Ana Mae Barbosa, João Francisco Duarte Junior, Abigail Alvarenga Mahoney e Laurinda Ramalho de Almeida. Justifica-se este estudo pelo fato de que a arte é fator presente na vida das crianças e principal aliada na descoberta do mundo. O resultado confirma que quanto mais cedo a criança aprende a ler as imagens ao seu redor maior é o seu desenvolvimento e maior é a sua capacidade crítica.

Palavras-chaves: arte, leitura de imagens, fases do desenvolvimento, Henri Wallon, educação infantil.

SUMÁRIO

Introdução	09
Capítulo 1- O que é arte?	11
1.1 – O que são artes visuais?	14
Capítulo 2- Leitura de Imagens e Alfabetização Estética	17
Capítulo 3- Fases do Desenvolvimento Infantil, segundo estudos de Henri Wallon	23
3.1 – Estágio Impulsivo-Emocional	23
3.2 – Estágio Sensório-Motor e Projetivo	26
3.3 - Estágio do Personalismo	28
Capítulo 4- Arte e leitura de imagem no desenvolvimento infantil.....	33
Considerações finais	40
Referências bibliográficas	43

Introdução

Este trabalho aborda a questão da importância da leitura de imagem no processo de formação infantil.

Ao fazer a observação das práticas dos professores da escola onde estive estagiando durante dois anos e meio, percebi que a maior parte do tempo eles passam aos alunos exercícios prontos e esperam que eles simplesmente respondam, sem dar-lhes estímulos para que criem, para que percebam o mundo onde estão e também sem estarem atentos às necessidades das crianças de acordo com a fase de desenvolvimento em que se encontram.

Muitos professores não levam em conta que a criança é um ser pensante e curioso em conhecer o mundo e desde cedo aprendem a ser maquininhas de reprodução, pois são impedidas de sentir e muitas vezes de pensar.

As aulas de arte são um espaço para as crianças apenas pintarem desenhos prontos, ou então para desenharem o que foi pedido pelo professor, sem terem conhecimentos prévios a respeito, sem terem estímulos para imaginar e para criar o que foi pedido. É simples pedir que desenhem um elefante, mas deve-se levar em conta que muitas crianças nunca sequer viram um e aí, quando não fazem o esperado, são repreendidas e muitas vezes não ousam desenhar mais nada.

É muito importante ensinar as crianças a lerem o mundo que as rodeia, o mundo do qual elas fazem parte, ensinando-as a entendê-lo, a saber diferenciar o que é certo e o que não é, a diferenciar o que realmente é verdadeiro, a torná-las críticas e não aceitarem tudo o que é imposto.

Surge então o problema: alfabetizar esteticamente uma criança pode aumentar e/ou modificar a sua maneira de ler o mundo a sua volta?

Justifico esse estudo a partir da realidade de que a arte sempre esteve presente em minha vida e sempre fui uma pessoa crítica, aprendi desde cedo a questionar o mundo e percebi o quanto as crianças são podadas e não podem se expressar artisticamente nesse período em que fui estagiária.

O objetivo desta pesquisa é analisar a importância da leitura de imagem no processo de formação infantil como estratégia de transformação e

ampliação das referências visuais pré-existentes, desenvolvendo assim a visão de mundo.

Para o desenvolvimento desse trabalho utilizei pesquisa bibliográfica, consultando os estudos de João Francisco Duarte Jr., Ana Mae Barbosa, Jorge Coli, o Referencial Curricular para Educação Infantil e os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, entre outros autores.

O trabalho foi dividido em quatro capítulos. No primeiro falo sobre o que é arte e o que é arte visual. No segundo falo sobre a alfabetização estética e a leitura de imagens. No terceiro capítulo explico sobre as fases de desenvolvimento da criança segundo os estudos de Henri Wallon. No quarto e último capítulo analiso a importância da leitura de imagens e da alfabetização estética para o desenvolvimento da criança.

Capítulo 1- O que é arte?

Muitas pessoas sentem dificuldades em expressar os sentimentos e as idéias e encontram na arte uma forma de dizer o que sentem ou pensam.

Mas o que é arte?

João Francisco Duarte Jr em seu livro “Porque arte-educação?”, escreve:

Um fenômeno comum a todas as culturas - desde as mais "primitivas" às mais "civilizadas", desde as mais antigas às mais atuais - é a arte. A arte do homem pré-histórico, inclusive, é tudo que restou, integralmente, desses nossos antepassados. Qualquer cultura sempre produziu arte, seja em suas formas mais simples, como enfeitar o corpo com tinturas, seja nas formas mais sofisticadas, como o cinema em terceira dimensão, na nossa civilização. A arte nos acompanha desde as cavernas. (DUARTE JR, 1995, p. 37-38)

Segundo o Dicionário Aurélio, arte se define por: “1.Capacidade humana de criação e sua utilização com vistas a certo resultado, obtido por diferentes meios: arte da caça, arte de dominar o fogo, arte de compor poemas, etc.” (2004, p. 143) e como artes plásticas: “Artes que se manifestam por meio de elementos visuais e táteis, tais como o desenho, a pintura, a escultura, etc.” (2004, p. 143)

(...)é difícil definir exatamente o que é arte. Não existe uma resposta acabada, já que são muitas as concepções. Mesmo assim, algumas produções humanas são facilmente identificadas como "obras de arte". Para compreender uma obra de arte, é preciso considerar o contexto em que ela foi produzida. Ou seja, a arte é influenciada por um pensamento, uma ideologia, uma época ou lugar. (ALENCAR, 2009)

Cada pessoa dentro de sua cultura e de seu tempo tem sua definição para o que considera arte, o que considera belo e o que não considera. Entra aí então a cultura do que é belo e do que não é. O que agrada aos olhos de um pode não agradar aos olhos de outro. Ver uma pintura moderna em uma exposição pode ser motivo de polêmica, pois muitos não acreditarão que aquela pintura possa ser obra de arte: “Só rabiscos, nada mais”, poderemos ouvir. Para outros, os “rabiscos” tem algum significado, alguns podem dizer até que chegam a sentir o que o autor sentia no momento em que pintava.

Mas não devemos confundir teoria do belo, teoria do gosto e filosofia da arte. Até porque há obras de arte que não são belas, como o célebre *Urinol*, de Marcel Duchamp; há obras de arte de que não gostamos, como acontece comigo em relação à música dos *Madredeus*, aos quadros de Júlio Pomar, aos livros de José Saramago e aos filmes de Manoel de Oliveira; há coisas belas que não são arte, como um pôr-do-sol natural e a planície alentejana; e há coisas de que gostamos que não são arte nem são belas, como a nossa caminha e melão com presunto. (ALMEIDA, 2000)

Como diz Jorge Coli (2006), sempre buscamos respostas definitivas sobre o que é ou não é arte, mas elas são muitas, pois são tantas e tão diferentes as concepções. Diz também que mesmo sem termos uma noção podemos dizer se algo poderá ser classificado como arte ou não. "(...) nossa atitude diante da idéia 'arte' é de admiração: sabemos que Leonardo ou Dante são gênios e, de antemão, diante deles, predispono-nos a tirar o chapéu" (COLI, 2006, p.8).

Definir arte não é algo fácil, pois vários são os conceitos colocados para que seja feita uma definição. Para alguns, arte é somente o que é certificado como tal e exposto em museus ou galerias. Para outros, todo tipo de produção que expressa o sentimento do autor pode ser considerado arte.

Para Almeida (2000) muitas pessoas defendem a idéia das teorias essencialistas que são teorias que apontam a existência de propriedades essenciais comuns a todas as obras de arte, sendo que para serem assim consideradas, não podem deixar de ter certos elementos e tais propriedades devem ser usadas para separar o que é arte e o que não é.

Segundo Cláudio F. Costa:

As teorias da arte têm por objetivo explicar a natureza da obra de arte em geral. Alguns críticos consideram essa tarefa inevitavelmente fadada ao fracasso. Segundo eles, a arte é um fenômeno demasiado diversificado para que possa ser encontrada uma *essência comum* a todas as suas manifestações, o que equivale a dizer que não podemos encontrar condições necessárias e suficientes para a sua identificação, ou seja, condições que uma vez presentes nos garantam que estamos diante de obras de arte. (COSTA, 2005)

Uma das mais antigas teorias essencialistas é a da "Arte como Imitação", que defende que uma obra só é arte se é reproduzida pelo homem e imita algo. Fica fácil definir-se através dessa teoria, ainda mais para as pinturas

figurativas, mas e as verdadeiras obras de arte que ilustram a Santa Ceia, por exemplo, que só o que sabemos é o que contam as histórias passadas de geração para geração, ou como acontece na música onde se torna quase impossível imitar os sons criados pela natureza. Torna-se então essa teoria pouco satisfatória, pois coloca em dúvida se realmente as obras de artistas consagrados como Rafael e Michelangelo são realmente obras de arte.

Para os insatisfeitos com a teoria da arte como imitação, surge a teoria da “Arte como expressão”, onde a arte só pode ser considerada arte se expressa os sentimentos e emoções do artista.

Outra teoria falha, pois, como se pode saber se o artista expôs realmente os seus sentimentos se este já é falecido há séculos e não pode nos contar? Ou na música, deve-se levar em conta o sentimento de quem a compôs ou de quem a interpreta? Difícil, não?

Surge então, em contraposição as duas teorias anteriores, a teoria da “Arte como forma significativa” ou “Teoria Formalista”, que deixa de lado a idéia de que uma obra precisa ter características que possam ser identificadas em todas as obras. Nessa teoria acredita-se que uma obra é arte se provoca emoções estéticas nas pessoas, ou seja, a obra só é considerada arte se o apreciador sente algo ao apreciá-la. Simples não? Mas o artista faz a obra pensando apenas no expectador ou baseado em algo que deseja imitar, ou para exprimir seus sentimentos?

Como as pessoas são diferentes, as reações são diferentes: o que é bonito para um, pode não ser para o outro, sendo que, o que passa alguma sensação para um, pode não passar para outro.

Já na teoria Institucional, segundo Wollheim (2002, p.14), apenas os “representantes do mundo da arte” podem certificar se é ou não arte, mas, se para que os “representantes” possam certificar uma obra como sendo arte, necessitam critérios e se obra já possui esses critérios ainda se faz necessária a aprovação dada pelos representantes? E quem denomina esses representantes? Mais uma teoria falha e incompleta.

Realmente é muito difícil definir o que é arte e o que não é arte. O artista pode expor qualquer objeto que tenha significado para ele e dizer que é sua obra de arte. O que ele sente como obra de arte, para nós pode não ser. É

assim com o tão polêmico “Urinol” de Marcel Duchamp, em seu livro “O que é arte?” Jorge Coli escreve:

O Davi de Michelangelo é arte, e não se discute. Entretanto, eu abro um livro consagrado a um artista célebre do nosso século, Marcel Duchamp, e vejo entre suas obras, conservado em museu, um aparelho sanitário de louça, absolutamente idêntico aos que existem em todos os mictórios masculinos do mundo inteiro. Ora, esse objeto não corresponde exatamente à idéia que eu faço de arte. (COLI, 2006, p. 9)

Coli (2006) descreve muito bem essa dificuldade em se definir a arte e, como diz, “delimitar a linha que separa os objetos artísticos dos não artísticos” (2006, p.67).

Ainda falando do tão polêmico mictório, o que se tentou na época foi provocar o público que é obrigado a reconhecer tal objeto como sendo arte só por vê-lo exposto em uma galeria e assim certificado pelos críticos e pelo próprio museu. Como afirma Coli, o mictório “convertido em peça de museu, assume o papel de objeto de contemplação, passa a provocar ‘sentimentos’ no espectador. (...) Qualquer objeto aceito como arte, torna-se artístico” (2006, p. 68).

Definir o que realmente é arte é um tanto trabalhoso, já que, para cada um, vale uma teoria. Acredito que poderíamos fazer uma junção da teoria formalista com a teoria da arte como expressão, sendo que seria apenas considerado obra de arte se, ao ser feita, o artista consegue colocar o que sente e assim passar essa emoção ao espectador. Claro que muitas vezes, como já foi dito, o espectador não consegue captar o que o artista quis passar ao desenhar, mas sempre alguma emoção sentirá ao ver a obra, mesmo que seja de total repulsa.

1.1 O que são as Artes Visuais?

A arte é dividida em quatro linguagens: Dança, Música, Artes Cênicas e Artes Visuais.

A dança é uma forma de expressão artística que se baseia no movimento corporal, podendo ser expressa de forma social ou de forma teatral. Seus elementos expressivos são: o movimento, o espaço, o tempo e o peso.

A música é uma forma de expressão artística que se manifesta basicamente através dos sons, combinados com o silêncio. Seus elementos expressivos são: o ritmo, a melodia e a harmonia.

A arte cênica exige do homem uma forma de expressão completa utilizando corpo, fala e gestos. Seus elementos expressivos são: o texto, o ator e o público.

Já a arte visual, que é o foco principal dessa unidade é uma forma de expressar a arte através da imagem. As formas mais tradicionais das artes visuais são a pintura, a escultura, o desenho e a gravura.

Na pintura o artista se utiliza das tintas para expressar seus sentimentos ou suas idéias. Com elas o artista cria as linhas, as cores, o movimento. Desde os tempos das cavernas a pintura é produzida, as tintas eram feitas com terra, ossos, minérios e gordura animal.

Na escultura o artista utiliza de barro, argila, concreto, madeira, marfim, mármore e vai moldando ou esculpindo a forma desejada.

A gravura permite a reprodução. Dependendo da técnica utilizada a produção pode ser impressa várias vezes. A xilogravura, a litografia e a serigrafia são algumas técnicas de gravuras.

As formas mais modernas das artes visuais são a fotografia, o cinema, a televisão e a computação.

A fotografia foi somente descoberta após estudos sobre ótica e química. A primeira fotografia foi tirada em 1826 por Niépce, que captou a imagem “colocando uma placa de estanho tratada por emulsão especial de betume da Judéia em exposição ao sol por oito horas” (Oliveira e Garcez. 2006, p. 98)

O cinema só foi possível através dos estudos sobre a fotografia. Os primeiros filmes eram de curta duração, mudos e em preto e branco.

Quando as diversas fases sucessivas de um movimento são decompostas em imagens independentes (fotogramas) e projetadas numa velocidade de vinte e quatro imagens por segundo, criam no espectador a ilusão do movimento contínuo. (OLIVEIRA e GARCEZ, 2006, p. 102)

Já a televisão tem a possibilidade de transmitir o que o artista está fazendo em tempo real. Vêm até nós, dentro de nossas casas, englobando as

técnicas de informação como o jornal, o cinema, o vídeo, a computação e a fotografia. (Oliveira e Garcez, 2006)

A computação gráfica é uma forma muito mais rápida de se produzir filmes, animações e vídeos. Exige paciência e muito treino, pois há muitas possibilidades ao se usar os programas existentes.

Os elementos expressivos das artes visuais são: ponto, linha, plano, cor, textura, forma, volume, luz, ritmo, movimento e equilíbrio.

O ponto é o elemento mais simples. Quando agrupado, pode formar uma linha, um traço e até mesmo expressar movimento, luz, sombra.

A linha, que é uma sucessão de pontos, sugere movimento, ritmo. Uma linha pode definir uma forma, uma figura.

O plano é onde desenhamos, pintamos. É a superfície na qual os artistas deixam suas marcas, seus traços.

A cor é essencial, ela está em toda parte. Como escreve Oliveira e Garcez: “A cor é um fenômeno físico. Parece difícil de acreditar, mas a cor não existe em si, de forma independente da luz. Ela é gerada pela luz” (2006, p. 59).

A textura é uma característica do plano. Pode ser lisa, áspera, fibrosa, ondulada, esponjosa, etc. Em algumas obras, a textura é a qualidade fundamental.

A forma, como dito acima, é formada pela sucessão de pontos, que formam uma linha, linha essa que pode se transformar numa forma.

O volume é percebido quando o artista faz o jogo da luz e da sombra na obra.

A luz é essencial a qualquer obra, já que as cores são geradas pela luz. Nunca vem separada da sombra.

O ritmo e o movimento são indicados e formados pela linha.

O equilíbrio nem sempre é essencial. Algumas obras são feitas proporcionalmente, outras exagera-se no desequilíbrio para passar uma sensação diferente ao expectador.

2. Leitura de Imagens e Alfabetização Estética.

Para Duarte Jr (2008), percebemos o mundo através da linguagem e do que sentimos pelas coisas que nos cercam e assim: “no ato de conhecer o mundo não é possível separar-se os sentimentos das construções discursivas da linguagem”. (Duarte Jr, 2008, p. 74) e ainda: “(...) um fator determinante na formação da linguagem adveio do sistema visual humano, onde são produzidas imagens da realidade. Imagens essas que (...) ‘representam’ as coisas do mundo (...)”.

De acordo com Duarte Jr, a linguagem tenta, mas sem os sentimentos e as ilustrações não chegamos ao resultado esperado: “é impossível descrever os sentimentos através da linguagem discursiva; porém, na arte, os sentimentos se concretizam em formas, podendo ser percebidos” (2008, p.82)

Devemos ficar atentos, pois, apesar de demonstrar os sentimentos, a arte não pode ser traduzida por outros símbolos, a obra de arte demonstra aquilo e só aquilo: “a arte não significa, exprime; não diz, mostra”. (Duarte Jr, 2008, p. 83)

Como consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, no caderno especial de Artes (2001), o ser humano sempre questiona o seu lugar no mundo e a partir desse questionamento vai produzindo conhecimento.

A manifestação artística tem em comum com o conhecimento científico, técnico ou filosófico seu caráter de criação e inovação. Essencialmente, o ato criador, em qualquer dessas formas de conhecimento, estrutura e organiza o mundo respondendo aos desafios que dele emanam, num constante processo de transformação do homem e da realidade circundante. O produto da ação criadora, a inovação, é resultante do acréscimo de novos elementos estruturais ou da modificação de outros. Regido pela necessidade básica de ordenação, o espírito humano cria, continuamente, sua consciência de existir por meio de manifestações diversas. (PCN – Artes, 2001, p. 32)

Segundo Ana Mae Barbosa: “Se a arte não fosse importante não existiria desde o tempo das cavernas, resistindo a todas as tentativas de menosprezo” (2005, p. 27).

Cada obra de arte é, ao mesmo tempo, um produto cultural de uma determinada época e uma criação singular da imaginação humana, cujo valor é universal. (PCN – Artes, 2001, p. 36)

Aprender a perceber as imagens, a ter consciência de que tal obra foi feita em tal momento, por tal autor leva a criança a começar perceber que pode analisar todas as imagens a sua volta, sejam elas constantes em outdoors, nos filmes, em cartazes ou até mesmo dos produtos que consome.

Essa “alfabetização visual” dará ao aluno condições de conhecer melhor a sociedade em que vive, interpretar a cultura de sua época e tomar contato com a de outros povos. Mais: ele vai descobrir as próprias concepções e emoções ao apreciar uma imagem. (GENTILE, 2003, p. 45)

Segundo Maria Emília Sardelich (2006) o termo “leitura de imagens” se tornou popular no final da década de 70 entre os profissionais de artes e de comunicação.

Essa tendência foi influenciada pelo formalismo, fundamentado na teoria da Gestalt, e pela semiótica. Na psicologia da forma, a imagem constituía percepção, já que toda experiência estética, seja de produção ou recepção, supõe um processo perceptivo. A percepção é entendida aqui como uma elaboração ativa, uma complexa experiência que transforma a informação recebida.

Na medida em que a imagem passa a ser compreendida como signo que incorpora diversos códigos, sua leitura requer o conhecimento e a compreensão desses códigos. Essa idéia de “ensinar a ver e ler” os dados visuais inspirou-se no trabalho de Rudolf Arnheim, *Art and visual perception*, de 1957, que procura identificar as categorias visuais básicas mediante as quais a percepção deduz estruturas e o produtor de imagens elabora suas configurações. Arnheim catalogou dez categorias visuais: equilíbrio, figura, forma, espaço, luz, cor, movimento, dinâmica e expressão. Nesse modelo o espectador desvela nas imagens os esquemas básicos utilizando as várias categorias visuais até descobrir a configuração que, por si mesma, possui qualidades expressivas. (SARDELICH, 2006, p.453-454)

De acordo com Ana Mae Barbosa (2005), “há uma alfabetização cultural sem a qual a letra pouco significa. A leitura social, cultural e estética do meio ambiente vai dar sentido ao mundo da leitura verbal.”, ou seja, não adianta ensinar a criança a ler as letras, juntá-las para que formem palavras, se a criança não conhece o objeto, por exemplo, ao qual aquela palavra representa.

A produção de arte faz a criança pensar inteligentemente acerca da criação de imagens visuais, mas somente a produção não

é suficiente para a leitura e o julgamento da qualidade das imagens produzidas por artistas ou do mundo cotidiano que nos cerca.

(...)

Temos que alfabetizar para a leitura da imagem. Através da leitura de obras de artes plásticas estaremos preparando a criança para a decodificação da gramática visual, da imagem fixa e, através da leitura do cinema e da televisão, a prepararemos para aprender a gramática da imagem em movimento.

Esta decodificação precisa ser associada ao julgamento da qualidade do que está sendo visto aqui e agora e em relação ao passado.

Preparando-se para o entendimento das artes visuais se prepara a criança para o entendimento da imagem quer seja arte ou não. (BARBOSA, 2005, p. 34-35)

Para João Francisco Duarte Jr:

A linguagem procura sempre captar os nossos sentimentos significando-os e classificando-os em conceitos. (...) A linguagem, que é conceitual e classificatória, apenas aponta e classifica esse sentir, sem, contudo, poder descrevê-lo. Ela aponta o seu "isso", sendo impotente para nos mostrar o seu "como". Posso nomear o que sinto: alegria. Mas, como mostrar em quê e como essa minha alegria é diferente da que senti ontem? Como comparar a minha alegria à sua? Como descrevê-la? (...)

Portanto, a linguagem nomeia, classifica os sentimentos em categorias gerais (alegria, tristeza, raiva, ternura, compaixão etc.), mas não os descreve. Não os mostra em seu desenvolvimento, em seu desenrolar.

Chegamos, finalmente, na porta de entrada para o mundo da arte. Se os símbolos lingüísticos são incapazes de nos apresentar integralmente os sentimentos, a arte surge como uma tentativa de fazê-lo. A arte é algo assim como a tentativa de se tirar um instantâneo do sentir. Mais do que um instantâneo: um filme, que procura captá-la em seus movimentos e variações. A arte é sempre a criação de uma forma. Toda arte se dá através de formas, sejam elas estáticas ou dinâmicas. (...)

Tais formas, em que se apresenta a arte, constituem maneiras de se exprimir os sentimentos. (...) Pois bem: a arte não procura transmitir significados conceituais, mas dar expressão ao sentir. E dar expressão de maneira diversa da de um grito, de um gesto, de um choro. Porque a expressão nela está formalmente estabelecida, isto é, está concretizada, lavrada, numa forma harmônica. Assim, a arte concretiza os sentimentos numa forma, de maneira que possamos percebê-las. As formas da arte como que "representam" os sentimentos humanos. (DUARTE JR, 1995, p. 43-44)

Para Barbosa a arte auxilia o ser humano em duas fases importantes para seu desenvolvimento como ser social “a alfabetização como necessidade da conquista de uma técnica e a adolescência como necessidade da conquista de equilíbrio emocional” (2005, p. 27). Na infância, auxilia no desenvolvimento da psicomotricidade e também no processo de alfabetização, ajudando a

criança a diferenciar as palavras, pois aprende-se a palavra visualizando-a. Auxilia também na comunicação entre aluno e professor.

Já na adolescência, segundo Machado:

É preciso que o adolescente tenha a possibilidade de se apoderar do ser único que ele é, das suas aptidões, sonhos, angústias e indagações; penso que isto ele pode conseguir se puder EXPRESSAR ou construir, de forma significativa, a reflexão sobre seu “assombrar-se de ser” (...) Além da voz, que me diz o tempo todo como eu *devo* ser, como *devo* vestir-me, comportar-me, o que *devo* dizer, o que *devo* escolher, é preciso que me seja permitido escutar uma outra voz que pergunta dentro de mim o que eu PODERIA ou GOSTARIA de ser. É preciso enfim que eu possa IMAGINAR (...)

O que o processo de socialização faz com a imaginação? A criança pequena entra na escola e encontra o olhar complacente do adulto: “que lindo o seu desenho, olhe só que imaginação que ‘criatividade’, como é interessante o seu jeito diferente de perguntar”. Isto, na melhor das hipóteses quando encontra um adulto “sensível” ao “mundo infantil”. Então aí a Imaginação esta bem, afinal, dizem, a criança ainda “não sabe pensar direito”, a fantasia estrutura o ser da criança, é sua forma de relacionamento com o mundo. Ela precisa brincar – quando deixam, é claro – também desenhar, ouvir histórias, *ainda* não esta na hora de ESTUDAR. No 1º grau, tudo muda: a seriedade dos números, palavras, regiões do mundo, do corpo humano invade os espaços ocupados até então pela Imaginação. (MACHADO apud BARBOSA, 2005, p. 29)

Aprender a ler as imagens faz a criança crescer sendo crítica, tomando consciência do mundo que a cerca, torna-a capaz de não aceitar o que lhe é imposto pela sociedade, desenvolve sua imaginação e amplia sua criatividade.

Como é dito no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil:

A arte da criança, desde cedo, sofre influência da cultura, seja por meio de materiais e suportes com que faz seus trabalhos, seja pelas imagens e atos de produção artística que observa na TV, em revistas, em gibis, rótulos, estampas, obras de arte, trabalhos artísticos de outras crianças etc. Embora seja possível identificar espontaneidade e autonomia na exploração e no fazer artístico das crianças, seus trabalhos revelam: o local e a época histórica em que vivem; suas oportunidades de aprendizagem; suas idéias ou representações sobre o trabalho artístico que realiza e sobre a produção de arte à qual têm acesso, assim como seu potencial para refletir sobre ela. (RCN – Vol. 3, 1998, p. 88)

O mundo é cheio de informações e imagens e desde cedo as crianças são bombardeadas com essas informações. É preciso então ensiná-las a separar as informações úteis das que não são e as que têm significados para sua vida e as que não têm.

De acordo com Oliveira e Garcez (2006, p. 24) “todos nós somos capazes de entender e de gostar de arte. Mas isso depende de algumas habilidades.(...)” Habilidades essas por elas classificadas como: observação, memorização, análise e síntese, orientação espacial e sentido de dimensão e por fim pensamento lógico e pensamento criativo.

Já o norte-americano Robert Willian Ott (apud GENTILE, 2003) organizou um roteiro para leitura de obras de arte que pode ser adequado a realidade dos alunos: o primeiro passo é descrever, o segundo é analisar, o terceiro é interpretar, o quarto é fundamentar e o quinto é revelar. Ao descrever a obra, o aluno faz uma busca em todos os elementos que consegue ver na obra, analisa pedaço por pedaço do que vê e vai montando sua lista. No segundo passo o aluno analisa os elementos expressivos das artes visuais, e também vai construindo uma lista. Quando o aluno interpreta a obra ele analisa o que vê tentando enxergar o mundo que o autor via naquele momento, tentando ver em cada detalhe o que o autor quis passar para o espectador ao pintar. Após interpretar ele vai pesquisar sobre a obra, sobre o que realmente o autor quis dizer com as tintas, o que ele quis nos passar ao pincelar, buscando entender o contexto no qual vivia o artista, pesquisando o que acontecia no mundo ou no local onde foi feita a obra, o que se passava na vida do autor no momento (quando possível). E finalmente ele vai revelar, reescrevendo a obra a sua maneira, diante do que sabe sobre ela e diante do que sentiu sobre a imagem.

Seguindo esses passos o aluno analisa a produção visual tirando o máximo de informação que pode do que está vendo.

O aluno que aprende a ler, a interpretar todo o traçado das cores, dos pontos, das linhas presentes numa imagem percebe também que aquilo foi feito por um artista, num determinado contexto, numa determinada época e vai construindo sua percepção de mundo, tomando ciência de que muita coisa já aconteceu antes de seu nascimento e também de que fará parte do que será construído depois, por ele mesmo.

Assim, é fundamental que desde cedo se desenvolva e amplie a leitura de mundo das crianças, aguçando suas percepções e apurando seus sentidos através da alfabetização estética que se faz fundamentalmente através da

leitura de imagem. Desta forma, a criança desenvolverá a capacidade de interpretar os símbolos presentes a sua volta, reconhecendo-os e interpretando-os de maneira a exercer seu direito de escolha e crítica àquilo que lhe está sendo proposto pelas imagens.

3. Fases do desenvolvimento infantil, segundo Henri Wallon

Segundo Galvão (2003) Wallon descreve o desenvolvimento de uma pessoa como um processo de construção gradual. Presente em todas as fases, a afetividade e a cognição se alternam. Cada fase possui uma marca diferente, com um tipo de atividade predominante, onde prevalece um recurso com a qual ela vai descobrindo o mundo.

Os cinco estágios são: estágio impulsivo-emocional, estágio sensório-motor e projetivo, estágio do personalismo, estágio categorial e estágio da adolescência. Como o foco desse trabalho é a faixa etária entre o nascimento e os seis primeiros anos de vida de uma criança, serão explicados apenas os três primeiros estágios.

3.1 – Estágio Impulsivo-Emocional.

É a fase que vai do nascimento até o primeiro ano de vida. O instrumento de interação da criança com o mundo que a cerca é a emoção. A criança não age diretamente com o mundo, ela é dependente dele para satisfazer suas necessidades, para interpretar, dar significado e trazer-lhe respostas. A partir das reações, os adultos passam a entendê-la e a atendê-la melhor.

É um estado de indivisão entre aquilo que deriva da situação exterior e o que surge do próprio sujeito. Assim, segundo Wallon, a criança começa por ser global, indiscernível e social. Essa vivência sincrético-social antecede nela a formação da consciência de si. É somente por meio de complexos exercícios de relação e interação, de momentos de espera ansiosa e respostas a suas necessidades, da alternância entre autor em relação ao outro e objeto por parte do outro que a criança irá se diferenciando paulatinamente de seu meio e constituindo seu *eu* diferenciado do *outro*. (DUARTE e GULASSA, 2005, p.20)

De acordo com Duarte e Gulassa (2005), para Wallon cada processo pelo qual passa o ser humano é importante e deve ser vivido da forma mais intensa possível, pois prepara a criança para a próxima fase.

Nesse estágio a criança irá construir sua personalidade através da interação com o mundo que a cerca. “Nessa fase a criança está voltada predominantemente para a construção do eu. É uma fase de preponderância

afetiva, centrípeta, de acúmulo de energia”. (DUARTE e GULASSA, 2005, p.21)

Até os três meses a criança age impulsivamente. Suas necessidades são predominantemente fisiológicas, como fome, sono e também posturais, causando certo desconforto, pois não são mais atendidas automaticamente como quando estava no útero. Esse desconforto causa reações, movimentações, reflexos, é a chamada impulsividade motora prévia.

Inicia-se assim um processo de comunicação entre a criança e seus envolventes. Sob esse campo de origem essencialmente emocional, surgirão muito em breve, por um processo análogo ao do reflexo condicionado, conexões e associações entre as manifestações espontâneas e as respostas desejáveis, prenunciando um processo de expressão, compreensão e intencionalidade, que dará origem ao campo das relações individuais. (DUARTE e GULASSA, 2005, p.21-22)

Wallon denomina de simbiose fisiológica essa situação na qual a criança depende totalmente do adulto e de simbiose afetiva quando, insatisfeita ou em situação de desconforto, a criança, através de impulsos se comunica com as pessoas em sua volta criando uma relação de intimidade.

A criança vai se condicionando, pois percebe que, ao reagir, obtém uma resposta, começando assim a apresentar um “esboço de consciência”. (Duarte e Gulassa, 2005, p. 23)

O movimento nessa fase é fator importante, Wallon o separa em três formas:

- *Movimento de equilíbrio*: quando a criança se adapta na posição que lhe for a melhor no momento, onde ela aprende a se levantar e sentar, a ficar de joelhos e logo após de pé. “Cada uma dessas posições terá influência decisiva na conquista do espaço e nas mudanças de comportamento” (Duarte e Gulassa, 2005, p.24)
- *Movimento de preensão e locomoção*: quando a criança começa a deslocar o corpo e objetos, dando a ela concepção de si e domínio do espaço.
- *Reações posturais*: são as movimentações dos braços, das pernas, permitindo as expressões e as mímicas.

O movimento, quando no nascimento, são reações reflexivas, mas vão se transformando em movimentos de tradução de expressão e comunicação, fazendo a criança passar da fase impulsiva para a emocional.

No estágio emocional, a criança vai estabelecendo vínculos com as pessoas que a cercam e essas irão respondendo cada vez mais suas reações.

As manifestações expressivas da criança compreendidas e atendidas pelo adulto passam a ser graduadas de tal maneira que todas as variedades essenciais de emoção podem ser discriminadas. É a linguagem primitiva constituída de emotividade pura. É a primeira forma de sociabilidade. (DUARTE e GULASSA, 2005, p.25)

Os movimentos, o choro, os risos, contagiam e permitem estabelecer comunicação e vínculo entre a criança e os adultos. A criança obtém respostas para suas necessidades afetando o meio a sua volta. Dessa junção de afeto inicia-se sua vida psíquica, sua consciência subjetiva, onde se formam suas primeiras imagens mentais, surgindo os primeiros vestígios de sua personalidade.

Assim, a criança vai aprendendo e se antecipando, intervindo cada vez mais em seu meio de forma voluntária. Com os movimentos demonstram seu contentamento ou seu desagrado.

Por volta dos seis meses começa a perceber seus movimentos e a repeti-los por várias vezes seguidas e também começa a balbuciar e a repetir os balbucios e a modificá-los, até chegar ao resultado que se parece com a língua de seus pais.

Começando a descobrir seu corpo, a criança vai se preparando para o segundo estágio, o sensório-motor e projetivo.

Por volta dos doze meses, o estágio impulsivo-emocional, com caráter basicamente afetivo e voltado para a pessoa, dará lugar a um período com caráter basicamente cognitivo, voltado para a construção do real. É o estágio sensório-motor e projetivo que segue uma orientação inversa à do período anterior. (DUARTE e GULASSA, 2005, p.28-29)

3.2 – Estágio Sensório-Motor e Projetivo.

Esse estágio ocorre dos doze meses até os três anos de vida, período no qual a criança passa a se interessar pelo mundo ao seu redor. É uma fase de exploração, onde estímulos surgem de fora e dão cada vez mais vontade de explorar. É a fase na qual a criança começa a planejar seus atos de acordo com o que vai descobrindo.

A repetição permite descobrir o que seus atos produzem e as suas diferentes seqüências. Nessa fase, a criança também começa a dominar a linguagem.

As possibilidades práticas, neste estágio sensório-motor e projetivo, ampliadas pela novidade da marcha e da linguagem, favorecem portanto a atuação da criança em relação ao mundo que a rodeia e, ao mesmo tempo, alargam sua referência a si mesma. Essas conquistas lhe dão maior independência, permitindo-lhe a investigação e exploração do espaço e dos objetos que nele se encontram. Andando, a criança pode modificar seu ambiente, deslocar-se de um lado para o outro, e ao falar nomeia os objetos, diferenciando-os e caracterizando-os pela diversidade de seus significados. Nomear, identificar e localizar objetos são conquistas importantes para que a criança consiga destacá-los do conjunto espacial em que estão inseridos. (COSTA, 2005, p.32)

Na fase anterior a criança tinha seus movimentos limitados, agora nessa fase, a criança tem um alcance maior, medindo ela mesma as distâncias, levando objetos de um lugar para o outro, fazendo o seu próprio percurso, permitindo maior interação com o meio e criando a chamada inteligência prática que é a capacidade que a criança passa a ter de “perceber e fazer combinações, o que pressupõe a intuição das relações voltadas para a ação imediata, em um espaço concreto delimitado e em um tempo presente” (Costa, 2005, p. 33)

A linguagem também contribui para essa inteligência. Dando nomes e os localizando, a criança vai aprendendo e conhecendo, comparando, separando por cor, tamanho e forma, sendo assim a linguagem fator principal no desenvolvimento e no descobrimento do mundo.

É nessa fase que a criança entra no mundo dos símbolos, entrando na parte projetiva desse estágio do desenvolvimento. Projetivo porque o ato mental da criança é projetado em atos motores. Ao passar para a fase

projetiva seu conhecimento de mundo se amplia e a criança vai dando forma ao seu pensamento.

O gesto, portanto, precede a palavra; a criança não é capaz de imaginar sem representar. Um exemplo disso é quando, ao falar do presente que ganhou, ela abre bem os braços para mostrar o tamanho da bola. (COSTA, 2005, p.33)

Nessa fase existem dois movimentos projetivos o de imitação e o de simulacro.

Na imitação, a criança faz um elo entre o ato e a representação. É quando a criança imita algo ou alguém que admira. Ela vai observando e registrando o objeto ou a pessoa, para depois ir representando. Esse processo passa de interior para exterior com a criança sempre colocando um pouco de si no ato de representar, se distinguindo do objeto ou da pessoa que imita.

Já no simulacro, a criança imagina o objeto que já conhece quando não o tem, unindo gesto e imaginação. É também um ato de representação onde a criança lida com a ficção, com o faz-de-conta. A criança passa a organizar seu pensamento, transformando a representação do objeto em signo, utilizando-se da linguagem que irá prepará-la para se expressar no mundo visual e simbólico.

É através dessa atividade de representação que a criança aprende a lidar com o mundo de uma maneira mais objetiva e real, vendo os objetos pelos seus significados e não pela aparência somente. Assim, explorando os objetos, a criança começa a perceber a diferença entre eles e os seres humanos, começando ter a consciência de sua subjetividade, de seu corpo.

Nesse estágio, então, a criança progressivamente individualiza a representação de si mesma, separando-se do todo em que estava confundida, tal como na etapa anterior em que ainda não consegue diferenciar o que é de seu corpo do que é do meio físico. Nesse sentido, antes dos 2 anos de idade e junto com o interesse em explorar o mundo exterior, a criança entrega-se a atividades de exploração do próprio corpo, experimentando-o de diversas maneiras. A modificação, a repetição e a ampliação de cada movimento de seus membros são recursos importantes para a consciência corporal e constituem condição fundamental para a tomada de consciência de si, tarefa do estágio seguinte, o personalismo. (COSTA, 2005, p.36)

Experimentando os movimentos dos membros a criança passa a conhecer e a diferenciar o que pertence ou não ao seu corpo, o que ocorre de maneira lenta. Ela passa pela etapa onde diz que seus membros têm vontade própria e também de se reconhecer frente ao espelho, o que ocorre somente após os dois anos de idade.

De posse, então, de uma infra-estrutura em que o eu está diferenciado corporalmente (mas não do ponto de vista psíquico, tarefa do estágio seguinte), e também de outros recursos como a manipulação e exploração de objetos, a marcha, a linguagem, a criança amplia suas possibilidades de interação com o meio humano e físico. (COSTA, 2005, p.38)

3.3 – Estágio do Personalismo.

Nessa fase, que ocorre entre o terceiro e o sexto ano de vida, a criança volta sua atenção para o outro e retoma o lado afetivo. É a fase onde começa a ter consciência de si como pessoa e onde inicia a construção da sua personalidade.

A consciência corporal, adquirida gradualmente ao longo dos primeiros três anos de vida, juntamente com a capacidade simbólica, é condição fundamental para o processo de desenvolvimento da pessoa. (BASTOS e DÉR, 2005, p.39)

Aos poucos a criança vai tomando consciência de seu corpo e vai lutando para conquistar seu espaço como ser subjetivo, tentando se diferenciar dos outros e tentando colocar ordem na confusão de pensamentos que antes a fazia acreditar que era parte do outro.

Segundo Bastos e DéR (2005) na teoria de Wallon a inteligência só evolui desenvolvendo-se a afetividade e a afetividade só evolui desenvolvendo-se a inteligência. “Dessa forma, para se pensar a pessoa na psicogenética walloniana, é preciso compreendê-la a partir da integração da inteligência, da afetividade e do ato motor”. (Bastos e DéR, 2005, p. 40)

Quando a criança passa do estágio sensório-motor e projetivo para o estágio do personalismo a inteligência fica de lado e através da afetividade ela vai construir sua personalidade, construção essa repleta de conflitos, crises e

contradições. Nessa fase a criança passa a usar mais o “eu” o “meu” sempre para se auto-afirmar.

Três estágios marcam essa fase: a oposição, a sedução e a imitação.

Na oposição, que se inicia por volta dos três anos, a criança procura se afirmar se opondo ao outro, sentindo prazer ao se opor, as vezes sem motivos, impondo dessa maneira sua independência, assim ela começa a se distinguir do outro, primeiro em relação aos objetos, usando o “meu” e o “teu”, sempre competindo. Ela reconhece o direito dos outros, mas sempre busca tirar vantagem, mentindo, usando a força ou se recusando a emprestar um brinquedo, por exemplo.

Depois da oposição vem a fase da sedução, onde a criança tenta mostrar o tempo todo que tem qualidades, que sabe fazer movimentos perfeitos, tentando chamar atenção para si, querendo ser exaltada.

Ela se torna o centro de atenção infantil. Os não, não faço... os não empresto, é meu... são passado; agora, é em um tom sedutor que expressa: ... olha como eu faço! ... olha como eu consigo! em busca de apoio, de fazer valer seus méritos a fim de obter uma satisfação narcísica. (BASTOS e DÉR, 2005, p.42)

Nessa fase o ciúme é enorme, pois essa ânsia em ser exaltada traz consigo frustrações e inquietações, tornando a criança competitiva, principalmente se ganha um irmãozinho, que será então o centro das atenções na família. É preciso saber educar e transformar essa maneira que a criança encara a vida nessa fase, pois se não for bem trabalhada nessa idade, poderá ficar com essa personalidade competitiva até a fase adulta.

O período dos 3 aos 5 anos é aquele em que se constituem o que se chamou “complexos” (...) no sentido em que, encontrando-se todo o seu ser na situação que o ofende ou o exalta, a criança sofre essa influência sem o contrapeso e terá muito maior dificuldade em dela se desembaraçar em sua evolução ulterior. (WALLON apud BASTOS e DÉR, 2005, p.43)

Já na imitação a criança passa a querer ser quem admira, por isso a imita, já que suas próprias qualidades não são o bastante para ela, passa a querer se apossar das qualidades de outros. Volta então para a fase de interiorização e exteriorização que marcou o estágio sensório-motor e projetivo,

copiando e assimilando o que admira no outro, reproduzindo logo em seguida, mas de uma maneira mais elaborada que na fase anterior.

Esse estágio caracteriza-se por um intenso trabalho afetivo e moral. O segredo impõe-se à consciência infantil; a criança já sabe distinguir entre o que deve ser e sua vida secreta, isto é, sabe dissimular sentimentos e atitudes que poderiam ser desaprovados pelo adulto, guardando-os para si. (BASTOS e DÉR, 2005, p.45)

O papel dos pais é muito importante nessa etapa, pois a criança busca sua liberdade se opondo, ao mesmo tempo em que necessita de apoio para se auto-afirmar. É indispensável também que os pais ensinem a criança qual o lugar da criança dentro da família.

Para Wallon é muito importante também o ingresso da criança na escola para que ela tenha contato com crianças da mesma idade, desligando-se um pouco da família, preparando-se para a próxima fase. A escola deve receber a criança com o mesmo carinho que a família a recebe, pois o afetivo nessa fase é essencial. Ressalta também a importância da formação de grupos, fazendo com que a criança ora assuma posição de dominante, ora de dominada.

A escola é um meio para a constituição de grupos que são iniciadores das práticas sociais e intervêm no processo de desenvolvimento, em torno dos três anos, quando a simbiose afetiva e o sincretismo subjetivo, característicos do comportamento infantil nos estágios anteriores, já apresentam sensível redução. Ao estudar a influência dos grupos na evolução do sujeito, Wallon ressalta que, além de serem importantes para a aprendizagem social da criança, também o são para a constituição de sua pessoa e para o conhecimento que dela pode ter. (BASTOS e DÉR, 2005, p.46)

Se relacionando com pessoas diferentes a criança passa a ter consciência de que existe o eu e o outro, cada vez mais afirmando o eu e descobrindo o outro.

O eu e o outro constituem-se, então, simultaneamente, a partir de um processo gradual de diferenciação, oposição e complementariedade recíprocas. Compreendidos como um par antagônico, complementam-se pela própria oposição. (...)

Durante o processo de constituição da pessoa, assim como o *eu* o *outro* também vai se modificando, apresentando diferentes aspectos e funções ao longo do desenvolvimento do indivíduo, o que revela uma íntima e recíproca união entre eles. A complexidade

dessas modificações encontram-se estreitamente dependentes da idade, disposição individual e do meio.

Com a consciência de si, há uma bipartição íntima entre o *eu* e o *outro* que vai se configurar como um *outro eu*, um *outro interior*, denominado *socius*, como se fosse um eu duplicado que o acompanha e mantém com ele uma íntima união. (BASTOS e DÉR, 2005, p.46)

O *socius* é o que chamamos de “consciência”. É a voz que fala de dentro da criança, que discute com ela, a faz perceber o que há nos outros que ela quer que faça parte dela, é a voz que a aconselha.

Se desenvolvendo, a criança começa a entender que é um ser subjetivo. Isso acontece diante das diversas situações que passa no ambiente, nas relações com as pessoas próximas, com as descobertas que fez até aqui.

Assim, as diferentes fases pelas quais passa a criança nesse estágio têm como objetivo principal promover a individuação de sua pessoa em relação ao seu ambiente (pessoas e objetos). No entanto, aquisições no campo cognitivo e motor são também possíveis e decorrem da reciprocidade nas relações estabelecidas entre os diferentes conjuntos funcionais. Os progressos que acontecem na função simbólica permitem que a criança vá deixando de reagir somente às impressões atuais e passe a reagir a lembranças, imagens e a representações. (BASTOS e DÉR, 2005, p.47)

Nesse estágio, a mente da criança se encontra repleta de imagens, símbolos e pensamentos desconexos, misturando o que é real ao que é imaginário, misturando datas e idéias, mas sempre vendo tudo pelo lado afetivo, deixando a lógica e a objetividade de lado.

Essa impregnação afetiva é outra importante característica do sincretismo e está presente também nas definições e explicações infantis do real. A função simbólica vai exercer-se por si mesma, como um exercício funcional, até sua consolidação no estágio categorial. Até lá, predominam tanto seu aspecto lúdico, livre dos objetivos de ajustamento às circunstâncias exteriores, quanto suas formas utilitárias. (BASTOS e DÉR, 2005, p.47)

Toda sua atenção é focada no que está fazendo, seu comportamento é influenciado pelo externo, sendo controlado pelos estímulos que recebe do ambiente, porém quando está em alguma atividade, fica inerte nela por muito tempo, não percebendo o que acontece ao redor.

A consciência de si, realizada nesse estágio, já pressupõe uma diminuição do sincretismo da pessoa, uma maior demarcação de si e do outro, condições fundamentais para as novas conquistas e transformações do estágio seguinte, que se darão particularmente no plano da inteligência. As diferenciações realizadas no plano da pessoa passarão a ser organizadas no plano intelectual, orientando o desenvolvimento infantil para uma superação do sincretismo do pensamento. Dessa forma, o estágio categorial vai apresentar uma orientação centrífuga, direcionando a atividade da criança para o conhecimento do mundo exterior objetivo. (BASTOS e DÉR, 2005, p.48)

De acordo com Galvão (2003) o estágio categorial se inicia em torno dos seis anos e é a fase onde a criança retorna a aprimorar o intelecto. Ela volta sua atenção para o mundo exterior e o aspecto cognitivo é o que predomina.

Já no estágio da adolescência, o afetivo retorna, trazendo com ele as crises da fase, a puberdade, que vai dos onze anos em diante. Nessa etapa a criança tem que aprender a lidar com as mudanças em seu corpo, com as alterações hormonais e volta a trabalhar a sua personalidade.

Percebemos então que no decorrer dos cinco estágios que há sempre uma alternância entre emotivo e cognitivo.

Pensar a pessoa na perspectiva da psicogenética walloniana implica compreendê-la em seu contexto sociocultural, biológico, é integrada pelas funções da afetividade, da inteligência e do ato motor. Também requer uma perspectiva de inacabamento, de movimento, de ruptura, de transformações, que necessita ser constantemente superada para possibilitar a própria evolução humana. (BASTOS e DÉR, 2005, p.48)

4 – Arte e leitura de imagem no desenvolvimento infantil.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), a arte é fator presente na vida das crianças:

(...) Ao rabiscar e desenhar no chão, na areia e nos muros, ao utilizar materiais encontrados ao acaso (gravetos, pedras, carvão), ao pintar os objetos e até mesmo seu próprio corpo, a criança pode utilizar-se das Artes Visuais para expressar experiências sensíveis. (RCN. 1998, p.85)

A arte, como dito no primeiro capítulo, é uma forma de comunicação e expressão de sentimentos, tornando-se indispensável na Educação Infantil, que atende a crianças de 0 a 5 anos. Nessa faixa de idade a criança está se descobrindo, descobrindo o mundo e descobrindo o outro, através dos sentimentos e das sensações.

Porém, ensinar arte às crianças dessa faixa de idade muitas vezes acontece com o professor já trazendo o desenho pronto, só para ser pintado, e os desenhos que decoram as salas são feitos pelos próprios professores, que em sua maioria, acreditam que a criança não tem capacidade para produzir arte.

Como consta no RCN (1998), vários estudos foram feitos ao longo dos anos, afirmando cada vez mais a importância de uma educação artística para o desenvolvimento da criança como um todo.

Na confluência da antropologia, da filosofia, da psicologia, da psicanálise, da crítica de arte, da psicopedagogia e das tendências estéticas da modernidade, surgiram autores que formularam os princípios inovadores para o ensino das artes, da música, do teatro e da dança. Tais princípios reconheciam a arte da criança como manifestação espontânea e auto-expressiva: valorizavam a livre expressão e a sensibilização para o experimento artístico como orientações que visavam ao desenvolvimento do potencial criador, ou seja, as propostas eram centradas nas questões do desenvolvimento da criança. (RCN. 1998, p.87)

Apesar das orientações, aos poucos os professores foram tornando o ensino das artes muito livre, sem intervenções, apenas dando papel e lápis às crianças para que criassem livremente, tornando a aprendizagem pouco significativa.

Como vimos no capítulo anterior, para que a criança se desenvolva por completo é preciso estímulos. A criança se espelha nos outros para poder criar sua personalidade, tomando um pouco de cada um que observa como seu, construindo sua pessoa. Esses estímulos devem ser diversificados e possuir qualidade.

Como a criança vem ao mundo sem ter a consciência de que é um ser pensante, que tem capacidade para se transformar e para transformar o mundo que a cerca, o papel dos adultos é importantíssimo para que ela tenha consciência dessas capacidades.

Antigamente pensava-se que a aprendizagem artística da criança iria evoluindo de acordo com o crescimento e o desenvolvimento dela, mas não é assim que acontece. A criança, em seu fazer artístico, é influenciada a todo momento pelo mundo que a cerca, através de vários estímulos vindos da TV, de revistas, das pessoas ao seu redor, etc.

Embora seja possível identificar espontaneidade e autonomia na exploração e no fazer artístico das crianças, seus trabalhos revelam: o local e a época em que vivem; suas oportunidades de aprendizagem; suas idéias ou representações sobre o trabalho artístico que realiza e sobre a produção de arte à qual tem acesso, assim como seu potencial para refletir sobre ela. (RCN. 1998, p.88)

Segundo o RCN, ao trabalhar as Artes Visuais na Educação Infantil, deve-se respeitar a individualidade da criança, sua idade e a fase de desenvolvimento na qual se encontra, procurando sempre desenvolver a capacidade criativa da criança, trabalhando: “o pensamento, a imaginação, a percepção, a intuição e a cognição da criança” (1998, p. 91)

Ao estudar as fases de desenvolvimento da criança de acordo com os estudos de Wallon, percebe-se o quanto é importante os estímulos dados às crianças em cada fase em que se encontram.

O estudo da criança contextualizada possibilita que se perceba que, entre os seus recursos e os de seu meio, instala-se uma dinâmica de determinações recíprocas: a cada idade estabelece-se um tipo particular de interações entre o sujeito e o ambiente. Os aspectos físicos do espaço, as pessoas próximas, a linguagem e os conhecimentos próprios de cada cultura formam o contexto do desenvolvimento. Conforme as disponibilidades da idade, a criança interage mais fortemente com um ou outro aspecto de seu contexto,

retirando dele os recursos para o seu desenvolvimento. (GALVÃO. 2003, p. 39)

No estágio impulsivo-emocional a criança está atenta a todos os impulsos que recebe do mundo que a cerca. A presença dos adultos é essencial para o seu crescimento e o seu desenvolvimento. Nessa fase é importante que os adultos, que cuidam da criança, explorem o visual.

Nessa faixa de idade a criança ainda não tem capacidade de explorar o meio em que vive, seus reflexos são devido às necessidades fisiológicas, como foi mencionado no capítulo anterior, sendo o adulto quem irá introduzi-la no mundo. Só mais tarde, quando completa um ano, a criança começa a andar e a explorar o ambiente que a cerca por ela mesma.

Já no estágio sensório-motor e projetivo, que é o que sucede o impulsivo-emocional, é que a criança passa a descobrir o mundo por ela mesma. Nessa fase é importantíssima a intervenção das pessoas de seu convívio.

Portanto é válido que os adultos, pais ou professores, insiram a criança no mundo da leitura de imagens. Quanto mais informações a criança receber, maior o seu desenvolvimento. Livros ilustrados, fotos, imagens, quadros, figuras, auxiliam no processo de descobrimento dos objetos, dando às crianças referências, tornando-as cada vez mais questionadoras e interessadas em aprender.

É muito importante, porém, os adultos prestarem atenção quanto à qualidade do que é mostrado para a criança. Nessa fase a ela passa pelo estágio da imitação, interiorizando tudo o que vê para depois imitar. Muitas vezes é comum os adultos se assustarem ao se deparar com a criança dizendo palavras e fazendo gestos impróprios para a idade. O que acontece é que os adultos, em sua maioria, não percebem que podem ser os culpados por esse tipo de comportamento da criança.

Muitas pessoas podem acreditar que nessa idade a criança não está atenta ao mundo, deixando-as livres para assistirem a qualquer tipo de programa ou filme na TV, verem qualquer tipo de imagens e até mesmo a deixam presenciar brigas e discussões. Infelizmente os adultos se enganam,

pois é nessa fase que a criança está mais atenta a tudo o que acontece a sua volta, sem saber discernir o que é certo e o que é errado.

Também nessa fase a criança começa a simular objetos que não tem a mão no momento. Muitas crianças imitam armas, facas, enfim, objetos nocivos e também são reprimidas por esse comportamento. Filmes de guerra, desenhos violentos, entre outros, estão entre os que a maioria das crianças mais gosta e são os mais influenciadores, principalmente nesse estágio pelo qual ela passa. Se a criança assiste a um vídeo onde vê crianças, animais, ou qualquer outro ser, ajudando uns aos outros e falando palavras carinhosas elas com certeza irão repetir. A alfabetização estética passa então a ser fator importantíssimo na vida das crianças nessa fase.

De acordo com o RCN (1998), a criança, ao final do primeiro ano de vida, já começa a fazer rabiscos, conhecidos como garatuja, que nessa fase são muito comuns.

Muito antes de saber representar graficamente o mundo visual, a criança já reconhece e identifica nele qualidades e funções. Mais tarde, quando controla o gesto e passa a coordená-lo com o olhar, começa a registrar formas gráficas e plásticas mais elaboradas. (RCN. 1998, p. 91)

É a partir da garatuja que a criança vai desenhar, começa rabiscando, percebendo a ação que faz sobre o papel, depois, vai dando forma aos rabiscos. O desenho é muito importante para o desenvolvimento artístico da criança e, quanto mais referências ela possui, maior seu desenvolvimento. Apreciando outros desenhos, outras imagens, ela irá desenhar cada vez mais e com um repertório cada vez maior.

Os desenhos irão auxiliar também na fase do simulacro, uma das fases pela qual a criança passa no estágio sensório-motor e projetivo. Através do desenho ela pode criar os objetos que tem em mente, mas que não tem a mão no momento, ou então inventar novos objetos, novos seres, colocando-os no papel. Esse processo auxilia a criança a diferenciar o que é humano do que não é. A criança desenha a partir do que vê, do que conhece, mais uma vez se faz necessária a introdução da leitura de imagem. Tendo referências, a criança passa a criar mais e a se desenvolver mais.

Na fase projetiva, a criança começa a projetar o que pensa como explicado no capítulo anterior. Ela começa a organizar seu pensamento, que antes era confuso, passando a dar um significado para o objeto que tem em mãos, por exemplo, e para esse significado ela atribui um signo.

A linguagem é o instrumento que vai elaborar a expressividade da criança no mundo das imagens e dos símbolos. Assim, esse desdobramento implica o nascimento e a formação da representação e, aliado às relações interpessoais e culturais em que a linguagem é fator constitutivo, contribui com várias funções que conduzem à expressão da atividade mental. (COSTA. 2005, p. 35)

Como explicamos no capítulo dois, a linguagem é importante para nomear os objetos e as emoções, mas, nada melhor do que a ilustração para representar qual é aquele sentimento e qual é aquele objeto. Nessa fase de desenvolvimento, a criança percebe tudo a sua volta e pode nos passar isso através da representação. Desenhar é uma forma de se expressar o que se sente e de expressar sua imaginação, tendo a chance de ampliar sua forma de sentir e de pensar sobre o mundo. (RCN, 1998) Muitas crianças sentem dificuldades em dizer o que estão sentindo e podem explicar desenhando.

No início a criança trabalha sobre a hipótese de que o desenho serve para imprimir tudo o que ela sabe sobre o mundo e esse saber estará relacionado a algumas fontes, como a análise da experiência junto a objetos naturais (ação física e interiorizada); o trabalho realizado sobre seus próprios desenhos e os desenhos de outras crianças e adultos; a observação de diferentes objetos simbólicos do universo circundante; as imagens que cria. No decorrer da simbolização, a criança incorpora progressivamente regularidades ou códigos de representação das imagens do entorno, passando a considerar a hipótese de que o desenho serve para imprimir o que se vê.

É assim que, por meio do desenho, a criança cria e recria individualmente formas expressivas, integrando percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade, que podem então ser apropriadas pelas leituras simbólicas de outras crianças e adultos.

A imitação, largamente utilizada no desenho pelas crianças e por muitos combatida, desenvolve uma função importante no processo de aprendizagem. Imitar decorre antes de uma experiência pessoal, cuja intenção é a apropriação de conteúdos, de formas e de figuras por meio da representação. (RCN. 1998, p. 93)

A criança reproduz o que vê, ela visualiza, interioriza e reproduz, podendo misturar os pensamentos e as imagens, já que nessa fase seu pensamento é sincrético, porém o fato de visualizar e representar contribui com

o seu desenvolvimento. Por isso a importância de um vasto repertório de imagens que o professor ou outro adulto deve introduzir no dia-a-dia da criança.

Mas não basta também apenas introduzir imagens, tem que instigar a criança, fazer perguntas, deixá-las livres para questionarem, para pensarem, só assim a leitura da imagem terá significado. Dando essa oportunidade para a criança ela vai começar a questionar cada vez mais, a ser mais crítica, a separar o que quer ou não ver, e o que quer que faça parte dela ou não, iniciando a se formar como ser subjetivo e diferenciado.

No estágio do personalismo é onde a criança começa a construir sua personalidade, como já explicado no capítulo três. Nesse estágio a criança passa por fases importantes para a formação de sua pessoa: “Progressivamente, a criança vai tomando consciência de si como sujeito social que luta para se individualizar, se diferenciar, para sair da massa indiscriminada, nebulosa e sincrética em que se encontra”. (Bastos e Dér. 2005, p. 40)

Nesse estágio a criança também passa pela fase da imitação, querendo ser um pouco de quem ela vê, sendo comum nessa fase ser pega imitando a professora, a mãe, uma personagem de desenho ou qualquer outra pessoa que chame a sua atenção. Ela deseja ser a outra pessoa, internaliza o que vê e exterioriza, colocando um pouco de si nesse processo.

Essa fase passa ser a mais importante para ser trabalhada com a arte. Como a criança começa se espelhando ao que admira para ir formando sua personalidade, os adultos que a cercam devem estar atentos em que tipo de imagens ela está se espelhando. Muito importante também é a afirmação de que o que ela produz é bonito, é importante, ou seja, o reconhecimento de seu esforço.

Cada um tem seu modo de expressar o que sente e a criança nessa fase está muito atenta a isso, e também muito sensível ao que dizem dela. Se disserem que o que ela desenhou é feio, ela não vai tentar desenhar novamente, pois quer agradar e ser a melhor sempre.

Wallon via a instituição escolar como um sistema importantíssimo para o desenvolvimento da criança e acreditava que o projeto de uma escola deveria

ser pensado de acordo com as necessidades que ela tem em cada estágio pelo qual passa. Acreditava também na importância do meio no qual a criança se desenvolve: “O meio é um complemento indispensável ao ser vivo. Ele deverá corresponder a suas necessidades e as suas aptidões sensório-motoras e, depois, psicomotoras...” (Wallon apud Almeida. 2005, p. 78).

Preparar o quarto da criança, a sala de aula, enfim, o mundo de imagens que a cerca, contribui muito para o seu desenvolvimento. Como a criança imita o que vê, aprendendo a classificar o que vê, com a ajuda da alfabetização estética, se desenvolve mais, crescendo crítica e consciente.

No que diz respeito às leituras de imagens, deve-se eleger materiais que contemplem a maior diversidade possível e que sejam significativos para as crianças. É aconselhável que, por meio da apreciação, as crianças reconheçam e estabeleçam relações com o seu universo, podendo conter pessoas, animais, objetos específicos às culturas regionais, cenas familiares, cores, formas, linhas, etc. (...) É aconselhável que as crianças realizem uma observação livre das imagens e que possam tecer os comentários que quiserem, de tal forma que todo o grupo participe. O professor pode atuar como provocador da apreciação e leitura da imagem. Nesses casos, o professor deve acolher e socializar as falas das crianças. (RCN. 1998, p. 103)

Assim, proporcionar uma verdadeira alfabetização estética para a criança, fundamentada no processo de leitura de imagem, demonstra ser uma efetiva metodologia de sensibilização e ampliação dos sentidos, contribuindo para a apreensão de conhecimentos e para o desenvolvimento pessoal e social da criança.

Considerações finais.

Quando nasce, a criança é um ser totalmente dependente dos adultos que a cercam, sendo deles a responsabilidade de mostrar-lhe o mundo. Não entendendo a diferença entre o que é certo e o que é errado, cabe aos adultos ensinar o que podem ou não fazer, o que devem ou não falar, enfim, ela desvenda ao mundo através de suas capacidades, mas sempre com um adulto no papel de tutor.

Através da leitura de imagens tudo se torna mais fácil para a criança, que ainda não sabe se expressar, quando muito nova, não fala; quando aprende a falar, não tem um amplo vocabulário, assim a arte serve como forma de expressão. Como vários autores citados nesse trabalho dizem, a arte mostra o que a linguagem tenta descrever.

Tive muitas experiências na escola em que trabalhei por dois anos e meio. Quando a professora falava sobre um animal, por exemplo, eu percebia no rostinho das crianças, com idade entre dois e três anos, que elas não entendiam sobre o que a professora estava falando. Algumas até já tinham visto o animal e isso era perceptível, outras, ao tentar entender sem conseguir, se distraíam ou até mesmo ficavam constrangidas. Procurando ajudar, eu como auxiliar de sala, busquei um livro onde havia várias fotos de animais, de plantas, de flores, entre outras figuras. Quando me sentei junto a eles e fui mostrando para cada um a foto do animal do qual a professora havia falado, o rosto deles se iluminou, e foram falando sobre as características do animal no livro, foram questionando e começaram a contar histórias.

Esse fato acabou se tornando rotina, toda vez que a professora os colocava em roda para contar alguma história, eu tinha que levar o livro e mostrar a imagem do objeto, do animal ou da flor, sobre o qual a professora estava falando.

Percebi, e foi o que me motivou a escrever esse trabalho, que quanto mais referências visuais damos às crianças, maior o seu interesse em buscar mais, sempre mais. Seu vocabulário amplia, assim como amplia sua capacidade criativa e sua forma de ver o mundo se modifica.

Quando fui estudar as fases de desenvolvimento da criança de acordo com os estudos de Wallon, fiquei encantada, pois ele explicou tudo o que eu

havia vivenciado na escola, cada fase pela qual a criança passa, seus choros e suas descobertas.

Ao começar a cursar a disciplina de Arte-Educação vi o quanto é importante uma alfabetização estética, o quanto a criança avança em seu desenvolvimento aprendendo a ler imagens. Eu havia vivenciado isso e me emocionei ao constatar que era realidade, que eu não havia imaginado.

Muitas vezes o adulto não percebe o quanto ele influencia a criança, seja em casa, seja na escola. Várias mães vieram me relatar que, ao chegar em casa depois da escola, os filhos iam brincar de escolinha e imitar a mim e a professora. Incrível como até mesmo as expressões que usávamos na escola eles usavam em casa.

Fazer a junção do trabalho de leitura de imagens com o estudo das fases de desenvolvimento infantil, como explico no capítulo quatro, me deixou ainda mais certa de que é possível uma “educação artística” desde cedo, pois quanto mais cedo iniciarmos, melhor será o desenvolvimento da criança. Sendo ela influenciada a todo momento é preciso saber que tipo de influência somos.

Infelizmente são poucos os professores que tem essa visão da importância da arte e da leitura de imagens, na educação infantil. Muitas vezes a professora dá um desenho para o aluno pintar apenas para ter uma “pausa para respirar”, fazendo com que o aluno se interesse cada vez menos por artes. Muitas vezes também presenciei a professora obrigando o aluno a pintar mais, pois o desenho estava “mal pintado”, ou “feio”. Isso me revolta e me faz pensar o que será dessa criança quando for tentar pintar novamente, se é que vai querer pintar novamente.

Tive a oportunidade de fazer um trabalho de releituras de imagens com uma sala de nível dois da educação infantil (criança com idade entre três e quatro anos). Na imagem que eu mostrei havia muita informação, alguns alunos nem sequer olharam direito para a ilustração, outros, me falaram o nome de todos os personagens que estavam na impressão, suas cores e começaram até me contar a história daqueles personagens. Quando fui pedir a releitura do que havia visto, outra vez me surpreendi, tive resultados muito

bons e pude perceber que os alunos que me contaram tudo a respeito do que viram, não tinham nenhuma dificuldade em desenhar ou pintar.

Não é difícil trabalhar a leitura de imagens com as crianças, pois elas são curiosas, questionadoras e sempre querem saber mais. Porém devemos estudar qual a necessidade da criança em cada fase de desenvolvimento para não fazer um trabalho que não dará resultados e até mesmo acabar forçando a criança antes do tempo.

O que percebi também nesses anos de estágio é que muitas professoras forcem a criança a sair da educação infantil sabendo ler e escrever e não se dão conta de que ao alfabetizarem esteticamente já estão preparando a criança para a alfabetização e para o letramento.

Acredito que falte ainda muita pesquisa e muito estudo para muitos professores, pois não é difícil entender as necessidades das crianças sendo que muitos estudiosos já procuraram, já estudaram e muitos livros já foram publicados. A responsabilidade de um professor é enorme na vida de uma criança e muitos não percebem isso.

Espero que esse estudo que concluo agora sirva de base, não vou dizer para todos, mas que seja apenas para um professor de educação infantil. A criança é um ser maravilhoso que pode se tornar um adulto maravilhoso, basta apenas que quem a eduque tenha consciência do seu papel importantíssimo em sua vida e em seu desenvolvimento.

Referências bibliográficas.

ALENCAR, Valéria Peixoto. (2009) **Especial para a página 3 Pedagogia & Comunicação**. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/artes/ult1684u8.jhtm>

ALMEIDA, Aires. (2000) **Crítica**: revista de filosofia. Disponível em: http://criticanarede.com/fil_tresteoriasdaarte.html

ALMEIDA, Laurinda R. Wallon e a Educação. In: MAHONEY, Abigail A; ALMEIDA, Laurinda R. **Henri Wallon**: Psicologia e Educação. 5ª edição. São Paulo: Loyola, 2005. Conclusão, p. 71-86.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A imagem no ensino da arte**: anos oitenta e novos tempos. 6ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BASTOS, Alice Beatriz B. Izique; DÉR, Leila Christina Simões. Estágio do Personalismo. In: MAHONEY, Abigail A; ALMEIDA, Laurinda R. **Henri Wallon**: Psicologia e Educação. 5ª edição. São Paulo: Loyola, 2005. Cap. 3, p. 39-49.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: arte. 3ª edição, vol. 6. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**: conhecimento de mundo. Vol. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COLI, Jorge. **O que é arte**. 10ª reimpressão da 15ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos; 46)

COSTA, Cláudio F.(2005) **Crítica**: revista de filosofia. Disponível em: http://criticanarede.com/html/est_tarte.html

COSTA, Lúcia Helena F. Mendonça. Estágio Sensório-Motor e Projetivo. In: MAHONEY, Abigail A; ALMEIDA, Laurinda R. **Henri Wallon**: Psicologia e Educação. 5ª edição. São Paulo: Loyola, 2005. Cap. 2, p. 31-38.

DUARTE JR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. 10ª edição. Campinas: Papyrus, 2008.

DUARTE JR, João Francisco. **Por que arte-educação?** 17ª edição. Campinas: Papyrus, 2006.

DUARTE, Márcia Pires; GULASSA, Maria Lúcia C. Ribeiro. Estágio Impulsivo Emocional. In: MAHONEY, Abigail A; ALMEIDA, Laurinda R. **Henri Wallon**: Psicologia e Educação. 5ª edição. São Paulo: Loyola, 2005. Cap. 1, p. 19-29.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 12ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

GENTILE, Paola. Um mundo de imagens para ler. **Revista Nova Escola**, Florianópolis, Porto Alegre e São Paulo, edição 161, p. 45-49, abr. 2003.

OLIVEIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**: o minidicionário da língua portuguesa. 6ª edição revisada e atualizada. Curitiba: Positivo, 2004.

OLIVEIRA, Jô; GARCEZ, Lucília. **Explicando a arte**: uma iniciação para entender e apreciar as artes visuais. Rio de Janeiro: 2006.

SARDELICH, Maria Emília. **Cadernos de Pesquisa**, vol. 36, n° 128, p.451-472, mai./ago. 2006. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n128/v36n128a09.pdf>

WOLLHEIM, Richard. **A pintura como arte**. Título original: **Painting as na art**. Tradução Vera Pereira. São Paulo: Cosac e Naily, 2002. Disponível em
http://books.google.com.br/books?id=z38FcO0G3lUC&pg=PA16&lpg=PA16&dq=teoria+institucional+de+arte&source=bl&ots=yuv7K3wV6l&sig=LMSTb5BPmpAGQNR4ECwU0N0I7V0&hl=pt-BR&ei=zyULS876EYrIIAfvzfGEB&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=8&ved=0CCUQ6AEwBw#v=onepage&q=teoria%20institucional%20de%20arte&f=false